

Do porque da censura ao riso

Miriam Gorender *

Palavras-chave: humor; chistes; censura

Resumo: Além de ser tema relativamente pouco abordado pelas instituições psicanalíticas, apesar de se tratar de importante forma de expressão do inconsciente, parece haver certa resistência em muitos psicanalistas a seu próprio estudo. Este trabalho propõe-se a uma investigação inicial sobre esta censura.

Quem tem inconsciente não precisa de inimigo.
Gilvan Ottoni

Com certa frequência nos últimos tempos, venho-me interessando por questões que parecem despertar censura em psicanalistas. Enquanto profissionais, estamos em geral alerta para aquilo que nossos analisandos rejeitam, o que chamam bobagens e sabemos ser fundamental para a descoberta do inconsciente. Acredito que aquilo que os próprios psicanalistas consideram bobagem ou censurável pode muito bem ter importância equivalente e, portanto, merece ser investigado. Como o tema da Jornada deste ano do Círculo Psicanalítico da Bahia será o Humor, de imediato me impressionou o comentário, por Carlos Pinto Correa, de que esta seria a primeira vez que ele conseguia convencer uma instituição psicanalítica a abordar tal tema, e que muitos convidados a participar do evento, apesar de fascinados, parecem ter tido que superar alguma resistência interna inicial. Proponho-me, portanto, a ten-

tar lançar alguma luz sobre este fenômeno particular.

O humor e, mais especificamente, a categoria dos chistes faz parte dos quatro grandes grupos de formações do inconsciente. Sonhos, atos falhos e sintomas têm sido extensa e longamente estudados. Não se dá o mesmo com os chistes e o livro de Freud que lhes corresponde, com honrosas exceções.

Em *Laughing: a psychology of humor*, Holland afirma sobre o riso que nós não o compreendemos e não confiamos nele. Desconfiança esta presente desde a Antiguidade, já que os filósofos pré-socráticos afirmavam que gracejar é inconsistente com a piedade, preferindo esta última.

Mas o humor se constitui, em seu campo próprio, fenômeno tão rico e irrepresentável como o da arte. E não é por acaso que não confiamos no humor. Nosso riso é certamente subversivo. Ao rirmos, desafiamos as leis de

* Psicanalista, membro do Círculo Psicanalítico da Bahia, professora adjunta do departamento de Neurociências e Saúde Mental da UFBA, doutora em psicanálise pelo Instituto de Psiquiatria da UFRJ

homens e deuses.

Apesar de haver muito menos literatura sobre o riso do que sobre a estética, por exemplo, ainda assim as referências podem ser bastante extensas. Farei apenas um rápido apanhado das principais tendências de pensamento.

Aristóteles se refere à comédia muito brevemente em sua Poética, mas sua definição é bastante precisa:

A comédia é, como já dissemos, imitação de maus costumes, mas não de todos os vícios; ela só imita aquela parte do ignominioso que é o ridículo. O ridículo reside num defeito ou numa tara que não apresenta caráter doloroso ou corruptor. Tal é, por exemplo, o caso da máscara cômica feia e disforme, que não é causa de sofrimento. (ARISTÓTELES, Poética, cap. V)

Assim, a principal diferença entre a tragédia e a comédia não era, para os gregos, o riso, mas a ausência de sofrimento.

A maioria das teorias do riso detêm-se nas questões relativas à incongruência, porém não consegue determinar o que, na incongruência, deveria causar o riso. Schopenhauer, por exemplo, fala da incongruência entre um conceito e o objeto real ao qual aquele se relaciona.

Outros pensadores chamam a atenção para algumas outras características do humor, como sua vinculação a rituais, ao jogo (combina a disciplina da arte com a falta de disciplina do jogo), a especificidade exigida da situação para que o efeito cômico surja, o ser necessariamente um fenômeno social, e os problemas relacionados ao timing e à surpresa. Sugeriu-se inclusive que uma tragédia seria apenas uma comédia lentificada. Mas nenhum deles apresentou uma teoria bem-sucedida e satisfatória do humor (mesmo hoje só podemos nos gabar de explicações par-

ciais, levando em conta a vastidão do campo).

De maior interesse me foram Pirandello e Baudelaire.

Pirandello fala de um sentimento do contrário que “segue as emoções normais de cada um como a sombra segue o corpo”. O artista se ocuparia do corpo, o humorista do corpo e da sombra. Já para Baudelaire (2002, p. 738), “O riso é satânico, logo profundamente humano. Ele é no homem a consequência da idéia de sua própria superioridade; e, com efeito, como o riso é essencialmente humano, é essencialmente contraditório, quer dizer, é ao mesmo tempo sinal de uma grandeza infinita e de uma miséria infinita [...]”.

Interessa nestas duas afirmações o fato de que nelas se entrevê um homem que ri enquanto homem dividido.

Porque é exatamente ao funcionamento das divisões e estruturas da psique que Freud atribui a produção do humor, chegando a sugerir que o piadista poderia ser alguém sujeito a sintomas neuróticos (e talvez salvo destes pela sua predisposição ao humor). Freud propõe duas teorias complementares sobre o humor. Na primeira, ‘Os chistes e sua relação com o inconsciente’, escrita cinco anos após ‘A interpretação dos sonhos’, a base teórica é a do movimento das catexias, próprio da primeira tópica. O riso se deve aí à economia de esforço psíquico obtida pela suspensão momentânea da repressão.

Há duas vertentes principais envolvidas neste movimento: a primeira implica uma passagem do discurso coerente, concatenado segundo as leis da lógica e do princípio de realidade, ao discurso vindo do inconsciente. Ou seja, um pensamento pré-consciente é ‘dragado’ (segundo a expressão de Freud) ao inconsciente, de onde emerge modificado pelos mesmos processos

psíquicos que fazem parte das demais formações do inconsciente. Freud compara os chistes e o humor à elaboração dos sonhos. O que emerge da elaboração tem a característica infantil, e é precisamente o formato de jogo infantil de palavras que irá permitir o prazer do chiste, fazendo-se economia da energia psíquica habitualmente utilizada para manter uma linguagem lógica, coerente e correta, enfim, ‘adulta’ e adequada à realidade.

A segunda se refere ao conteúdo do chiste em si, o qual, a não ser nos casos que envolvem puramente nonsense e/ou jogos de palavras, está sempre sujeito a algum grau de censura. Freud classifica estes chistes, de acordo com seu propósito, em cínicos (a livre vazão ao desejo em detrimento das normas sociais e da ética), tendenciosos (expressão e descarga de impulsos hostis e libidinosos dirigidos a outro) e céticos (atacam ‘a própria certeza de nosso conhecimento’ – a estes últimos é conferida uma posição especial). O mecanismo fundamental por trás de todos eles, no entanto, é o mesmo:

Aqui finalmente compreendemos o que é que os chistes executam a serviço de seu propósito. Tornam possível a satisfação de um instinto (seja libidinoso ou hostil) face a um obstáculo. Evitam esse obstáculo e assim extraem prazer de uma fonte que o obstáculo tornara inacessível. (FREUD, 1977b, p. 121).

Há ainda uma condição externa sem a qual o chiste não ocorre: a presença de um outro. No caso do chiste, são necessárias três pessoas, sendo a segunda o alvo ou vítima do chiste e a terceira é aquela para quem o chiste é contado. Ao rir, a terceira pessoa valida o chiste, e com este o desejo ou propósito por trás deste. Com o riso, é como se estivesse dizendo ‘penso como você’, ou ‘desejo o mesmo que você’, e

desta forma é dada uma autorização para a expressão daquilo que permanecia sob restrição. A terceira pessoa funciona, portanto, como um Outro que de fato com sua permissão torna mais leve, para si e para o contador do chiste, o peso da lei.

Já no segundo texto, escrito vinte e dois anos depois, apesar do enfoque econômico ainda ser importante, ao abordar não apenas os chistes mas o sentimento de humor em si, Freud passa a uma visão estrutural. A divisão agora se dá entre instâncias psíquicas, com o superego surpreendentemente em um papel condescendente e protetor. Diz, como se fosse, ao eu asoberbado pelas dificuldades e sofrimentos trazidos pela realidade: “Olhem! Aqui está o mundo que parece tão perigoso! Não passa de um jogo de crianças, digno apenas de que sobre ele se faça uma pilhéria!” (FREUD, 1977a, p. 194).

Neste trabalho, o humor é inserido na “série de métodos que a mente humana construiu a fim de fugir à compulsão para sofrer – uma série que começa com a neurose e culmina na loucura, incluindo a intoxicação, a auto-absorção e o êxtase” (FREUD, 1977a, p. 191). Nesta série, no entanto, o humor tem posição privilegiada. Afasta ou desvia o sofrimento, “dá ênfase à invencibilidade do ego pelo mundo real, sustenta vitoriosamente o princípio do prazer – e tudo isso em contraste com outros métodos que têm os mesmos intuitos, sem ultrapassar os limites da saúde mental” (FREUD, 1977a, p. 191).

Aqui está um ponto de interesse. O que há de especial no humor que lhe permite tal privilégio, e terá isto relação com a pergunta inicial? Nos textos freudianos há uma observação que pode ajudar a esclarecer a questão: “Pois, diferentemente dos sonhos, os

chistes não criam compromissos; eles não evitam a inibição mas insistem em manter inalterado o jogo com as palavras ou com o nonsense. Restringem-se, entretanto, a uma escolha das ocasiões em que esse jogo ou esse nonsense possam ao mesmo tempo parecer permissíveis (nos gracejos) ou sensatos (nos chistes), graças à ambigüidade das palavras ou à multiplicidade das relações conceptuais. Nada distingue os chistes mais nitidamente de todas as outras estruturas psíquicas que essa bilateralidade e essa duplicidade verbal” (FREUD, 1977b, p. 197).

Não é de admirar que desconfiemos do humor e tentemos diminuí-lo de todas as formas. Certamente é o mais eficaz dos métodos de expressão do inconsciente, mas também talvez o mais perigoso, socialmente falando. Diferente dos sintomas, sonhos ou atos falhos, o humor não é uma solução de compromisso. Permite, com pouco ou nenhum custo, não a atuação mas a expressão do inconsciente e a suspensão psíquica das leis humanas, da linguagem, da realidade e da morte. Mais ainda, como isto é conseguido através da autorização de um outro, o riso é altamente contagioso.

E aí está seu perigo. Como seria possível dar curso irrestrito ou reconhecimento adequado a um fenômeno que libera aqueles que envolve das amarras convencionais da sociedade e os remete a um funcionamento infantil, ao mesmo tempo em que os une num mesmo movimento interno? A questão central do jogo é que ele não tem centro, e o humor certamente des-centra o sujeito, elidindo os nós da linguagem que o ancoram sem com isto deixá-lo à deriva. O jogo em si tem suas regras, que não são as da realidade, e é contra esta que o humor se rebela.

Outro motivo para, digamos assim, não se querer brincar com o humor, é que, diferente de uma faca, não se pode segurá-lo pelo cabo. Não há segurança no seu uso, que tão facilmente corta uma autoridade ou instituição como aquele mesmo que o produz, pela própria natureza dividida e infantil de seu nascimento. O escritor Anton Tchekov ensinou que o trágico e o cômico são apenas duas janelas diferentes, que dão para a mesma paisagem atormentada. Nem sempre desejamos ver o que nos rodeia, e menos ainda o que nos compõe, mas é nossa própria perda se mantermos tão clara e ampla janela fechada ao nosso conhecimento.

Of the reasons for censoring laughter

Key-words: humour; jokes; censorship.

Abstract

Besides being a theme relatively less studied in psychoanalytical institutions, in spite of being an important expression of the unconscious, there seems to be some resistance in quite a few psychoanalysts to its very investigation. This paper proposes to begin a closer look at this censorship.

Referências

SLAVUTZKY, Abrão. A piada e sua relação com o inconsciente ou a psicanálise é muito séria. Disponível em: www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/Slavutzky.htm Acessado em ab. 2008.

ARISTÓTELES. Poética. Metafísica, Ética e Nicômaco. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução, comentário e índices analítico e onomástico de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 237-321, p. 329 (Coleção Os Pensadores).

BAUDELAIRE, Charles. Da essência do riso (e de modo geral do cômico nas artes plásticas). In: _____. Poesia e Prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. p. 733-746.

FREUD, Sigmund. O Humor. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977a. v. XXI, p. 188-194.

FREUD, Sigmund. Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977b. v. VIII, p. 290.

HOLLAND, Norman N. Laughing: A psychology of humor. London: Cornell University Press, 1982. p.232.

LIMA, Denise Maria de Oliveira. O consumo banal do humor: aonde encaixar Freud e Pirandello? Cógito, Salvador, v. 6, 2004. p. 89-93.

Recebido em 02/05/2008.

Endereço para correspondência:

R. Humberto de Campos, 144-3º andar
Graça Salvador Bahia
40450-130
Tel: (71)32475435